

“REQUIEM” POR UMA “TERRA MORTA”

Maria Aparecida Santilli

Se é lícito dizer — como faz o escritor negro angolano Geraldo Bessa Vitor — que Tomás Vêira da Cruz, apesar de suas raízes européias, foi o primeiro a fazer a poesia da “negritude africana de expressão portuguesa”, não será menos válido registrar também Castro Soromenho, entre os pioneiros a escrever em o romance do homem negro, em África colonizada por Portugal.

A Vida da “Terra” a “Terra Morta”

Quem percorre a obra de ficção de Castro Soromenho, escritor nascido em Moçambique, em 1910, e falecido em São Paulo, em 1968 (*Histórias da Terra Negra, Noite de Angústia, Terra Morta, Viragem, A Chaga*), roda pelos caminhos de uma terra em transe, chegará ao fim de uma penosa trilha de iniciação nos sucessos que conformam a alma africana e naqueles que a viriam abalar, ao choque eletrizante das raças, à contundência de povos adventícios e nativos, ao atrito de estruturas sociais desirmanadas, em que os ritos sacrificais acabam sendo os da imolação do homem de África, como o “pharmakós” que deve sucumbir para consumir-se, na satisfação de cupidez de mais fortes, o aniquilamento dos mais fracos.

Nos seus contos, como sejam “Calenga e a lenda dos rios do amor e da morte”, “Sueji e Ilunga na terra da amizade”, Castro Soromenho familiariza o leitor com o mundo mágico-mítico primevo de África, convida-o a conhecer as leis e princípios, as crenças por que se regem as tribos indígenas, as escalas de valor pelas quais se orientam, unem-se ou se digladiam em seu “habitat”

Em *Noite de Angústia* a ficção ganha terreno, centrando-se a trama romanesca sobre um crime de morte por feitiçaria, através do qual se penetra na vida íntima dos lundas em que o processo de investigação e punição, findando por envolver em suas teias o próprio

sobeta Salemo, desvenda as peculiaridades do universo primitivo de África.

Por via das técnicas de novelística policial ajustadas aos escaninhos de mistério próprios das comunidades tribais, a estória de *Noite de Angústia* conduz a um climax patético cuja força dramática representa o coroamento de uma efabulação estruturada pelo princípio das categorias éticas do mundo negro africano. Com o epílogo a adequar rigorosamente a dimensão do castigo à dimensão do crime, pena de Talião, enfatiza-se o caráter implacável de justiça de que os chefes também não escapam. A morte do sobeta sela o desempenho de ritos afros; culminando com o da execução pelo adivinho, através do qual o mistério do crime se desvenda, a administrar ao réu o pirão dos condenados, por onde principia a narcotizar-se, a água opiada e, finalmente, o “muaje”, veneno fulminante segundo a crença lunda, se o condenado é efetivamente o culpado, dão a medida de rigor dos códigos de bravura e de honra, de coragem e lealdade pelos quais as tribos lundas mantiveram, outrora, seus estímulos de coesão.

A estória de *Noite de Angústia* é um ponto alto entre aquelas da terra ainda viva que Castro Soromenho romanceia, para velar, depois, numa seqüência de responsórios onde o lamento por morte “branca” acabará por anunciar, também, uma ressurreição “negra”

Terra Morta já será um mundo de pesadelo, de dor, de opressão. Em torno dos sucessos relativos à vida cotidiana de um vilarejo dos confins do nordeste angolano, Camaxilo, próximo às fronteiras do Zaire, desenlaça-se a estória de um aglomerado humano que representa tempos novos da colonização portuguesa, a fase de submissão da população nacional, quando a memória das épocas anteriores, propriamente ditas de escravagismo, ainda encontra eco no trabalho forçado dos negros.

Terra Morta revela-se uma obra de visível esforço mimético. Cria um universo cuja estrutura reflete aquela característica do período da história do povo angolano que instituía, pelo “indigenato”, um programa de gradativa transformação do autóctone, prevendo progressiva conversão do indígena, de membro de uma comunidade entendida como “primitiva”, à condição de assimilada pela cultura do colonizador, proposta como “civilizada”

Assiste-se, assim, a um empenho ainda orientado para destrribalizar, concretizado pela ação do grupo burocrático que administra a circunscrição e mediante a colaboração de alguns dos próprios nativos feitos já policiais, os cipaios e capitas. Parece, portanto, fácil de somar a função de índices aos informantes da narrativa, segundo os

quais uma população branca de dez funcionários, de três cipaios na sede e mais três em cada posto, ou seja, totalizando vinte e um homens, aos quais se agrega meia dúzia de comerciantes portugueses, é responsável pela “disciplina” de quarenta mil negros, pela conservação de setecentos quilômetros de estradas numa área de trinta mil quilômetros quadrados, pela cobrança de mais de mil impostos, por mandar anualmente mais de mil negros para as minas. Somente um sistema de domínio facilitado pela dissolução da organização tribal — que daria mais força de resistência ao nativo — e pelo progressivo colaboracionismo do negro “convertido”, far-se-ia exequível com investimento de tais poucos recursos.

As unidades de ação que compõem a estória fundam relações de oposição estabelecidas entre os dois blocos de personagens, o dos funcionários brancos e o dos nativos negros, com interposição de cipaios e capitas (negros colaboradores dos brancos), comerciantes (brancos com sobrevivência pendente de negros e brancos) e, finalmente, de mulatos, um dos quais será, com o funcionário português que se rebelou, o fiel da balança para levar a narrativa a atingir os momentos de máximo desequilíbrio que assinalam o desfecho da estória. Pelo móvel violento da “vendeta”, o moço mulato, sem os direitos de família legítima para reivindicar a si ou à mãe negra o usufruto dos bens paternos que reverteriam, então, ao Estado português, fica sugerido um dos caminhos desesperados de solução, ainda a nível de equacionamento pessoal, individual.

Estes componentes da estória de *Terra Morta*, via de regra, são as recorrências na obra de Castro Soromenho. Tônicos, ainda, do esquema de ação, a partir desse romance, e concêntricos ao grande conflito estabelecido entre brancos e negros, aglutinam-se menores dissentimentos originados no seio de cada qual dos grandes blocos de oposição, quando o funcionário branco pode atravessar-se no projeto de domínio mantido pelos administradores, da mesma maneira que o negro em favor do funcionário, para atingir seu intento de aspirante a capita ou cipaio.

E, dado o sistema operante na consecução dos propósitos do branco, os momentos de risco não chegam a ser ameaças decisivas para inverter a situação de comando. A resistência maciça oferecida pelo negro a nível de grupo, corre quase tão só à conta de ação ausente, isto é, relegada ao plano da memória das guerras passadas, início da luta da destribalização. Em *Terra Morta* a força das tribos, já minada interna e externamente, não logra sair do reduto final: confinado a sua torre de menagem, o último soba, Xá-Macuari, suicida-se para escapar à “caçada” dos brancos; ele não queria vê-los

“nem os novos sobas de nomeação dos militares e, depois, dos civis a quem de pronto começaram a pagar os impostos, que foram a causa de muitas revoltas. Atribuía a esses sobas, alguns seus antigos escravos, todas as desgraças de seu povo, outrora forte e rico e, agora, dividido em muitos pequenos grupos, cada um com seu soba da confiança dos brancos do Governo, sem possibilidade de se reunirem para guerrear o estrangeiro. Odiava a todos os que se tinham vendido aos brancos para serem sobas, entregando-lhes quantos homens eles queriam para os trabalhos públicos, para as minas de diamantes que se acabavam de descobrir e para o exército, e todo o dinheiro do imposto”

Terra Morta registra, pois, a luta isolada do negro pela terra, “in extremis”: os poucos fiéis a Xá-Macuari que restam do esforço agônico das tribos sob liderança autêntica dos antigos sobas, sepultam o último chefe com os cerimoniais da raça, consumindo em fogo as palhotas de sua aldeia, para passarem a vau o rio Luita e ganharem o destino de nômadas.

Camaxilo faz-se, símbolo dos agrupamentos humanos fadados à decadência e morte, pelas vicissitudes das lutas de dominação: os negros, desertando aos bandos, quer por forçados a proletarizarem-se seguindo o rumo das minas, quer jogando as últimas cartadas de fuga ao dominador para ganharem as matas ou as fronteiras, não deixam por muito os colonizadores, que ali não têm raízes, atrás de si: a última cena de *Terra Morta* é a imagem de Camaxilo desolada, os brancos da administração a deixarem-na, para sediarem-se em Caungula.

Terra Morta estenderá esta equação dramática até *A Chaga* (1): estrangeiro de uma parte, negro de outra, interposições semelhantes de mulatos, brancos comerciantes e pretos cipaios ou capitas. Dir-se-ia que Castro Soromenho retoma o mesmo ponto de partida, semelhantes suportes para a sustentação de mais estórias de Angola.

Algo, no entanto, modifica-se para que *A Chaga* viesse a resultar numa obra mais tensa: o desequilíbrio das forças oponentes com a absoluta supremacia da facção dominadora, a fazer a terra morta, atenua-se, na medida em que a própria tendência radicalizante de uma passa a provocar os extremismos da outra.

O “Requiem” de *Terra Morta* pelo império dos nativos do coração de Angola, então derruído, quando, antes,

(1). — Ambas as obras com primeiras edições feitas no Brasil.

“desde o Luita ao posto, ou seja ao rio Cui'lo, toda essa planície pode dizer-se que era uma só senzala, tão pegadas umas as outras”,

se retoma. Mas, terá encontrado, numa imagem diletta da obra de Castro Soromenho, a representação literária em que se anuncia o dia de contas com os brancos:

“Já começaram a fazer as caçadas a fogo. É um espetáculo fantástico, com as savanas a arder, as florestas em chamas, dias e noites seguidos. Quilômetros de fogo a rolar. Tudo fica reduzido as cinzas, a terra queimada, as árvores torcidas, negrume por todos os lados. Um fim de mundo! Esta desolação dura uns meses, até à época das chuvas e dos grandes calores. Caem as primeiras bátegas e, de um dia para o outro, a terra cobre-se de verde, as árvores enchem-se de folhas e os pássaros regressam, não se sabe onde, com o seu canto” (2)

“esse negro que anda por ai com ar de medo é como a raiz da *terra queimada*. Sob a humildade, a resignação, o medo, ele vive com desespero e ódio” (3)

“Ódio e medo. Para a sua vida o colonialismo é como uma terra queimada, uma chaga, mas eles são as *raízes vivas, dentro dessa terra queimada*” (4)

Assim, em *A Chaga* o sopro vital das origens aciona os mecanismos de ressurreição do corpo africano. A estória principia por situar o negro em ostensiva atitude de réplica ao agravo do branco. O negro Gunga, não obstante estar a serviço administrativo entre os cipaios, a cada manhã ergue-se para ver, da outra banda da vila, o comerciante português Albino Lourenço:

“Entre o negro velho e o colono velho abre-se o vale, o rio Camaxilo ao fundo, o primeiro postado no alto das ravinas, o outro lá em baixo na lomba da encosta, à boca da planície. Ali estão a um ror de anos sob o mesmo céu ardente e sobre a terra perfumada de acácias. Mal Albino Lourenço aparece na varanda (na casa ao lado o José Paulino ainda tem as portas fechadas) e se encosta ao pilar, Gunga, acorocado na crista da ravina, encarranca-se e cospe para frente num esguicho. “branco ladrão!”, sussurra e aperta os dentes com raiva. E é todo um mundo de

(2) — *A Chaga*, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1970. pp. 150-151.

(3) — *Ibid.*, p. 151.

(4) — *Ibid.*, p. 151.

recordações que o assalta — vinte e cinco anos de raiva impotente contra o colono que lhe roubara a negrinha Caçula, a quem começara logo a chamar Alice” (5)

“Tomara-lhe a mulher e a terra, mas mandara-lhe entregar o milho e as abóboras que nela encontrara. Tamaña raiva dele se apossara que tudo fôra lançado ao rio. Gunga ficou preso naquela teia de raiva, sempre em chaga, pela troça que dele faziam os cipaiois, capitas e serviçais dos europeus” (6)

E, de outro lado, é todo um caminho de contrição e penitência o que se vê Albino Lourenço percorrer até o suicídio do filho, um mulato já consciente da situação de nativo e, ao que se sugere, decepcionado pelo pai, por mãos prepotentes de quem passara antes a moça mulata a que se apaixonara. Gunga sobrevive a Lourenço para poder lançar um último olhar sobranceiro à casa que este deixara, indiferente, no entanto, à propriedade que lhe poderia ser restituída por morte do colonizador.

Na sorte de Lourenço, como na de quase todos os comerciantes semi-falidos que povoam Camaxilo, em última instância vítimas também do colonialismo, já estão os primeiros resultados da contra-ofensiva do negro que recusa figurar entre sua freguesia, vingança possível contra aqueles que levaram as tropas portuguesas ao seu encalço, na caçada de mãos válidas, pelas tribos da região.

A estória de *A Chaga* aprofunda os vincos da luta entre negros e brancos, sonda os sofrimentos infligidos à gente angolana, as veleidades de sexo com negras e mulatas, como estigma de sua dupla sujeição, presas indefesas da concupiscência dos brancos.

Ao longo da obra de Castro Soromenho pode-se, então, deparar com uma imagem de inocência do mundo africano a desfigurar-se na de uma experiência de cativo, como um inferno existencial do homem negro.

Num flagrante procedimento realista, os mitos de morte e renascimento aparecem deslocados nas imagens da vida cíclica da natureza; assim, a alternância de vida e morte, esforço e repouso, êxito e declínio, como ingredientes da “mimesis”, de um universo só estável aparentemente, registra-se nos signos das “raízes vivas” dentro da “terra queimada”

Os tremores apocalípticos do mundo da negritude sob servidão, como um avesso dialético de seu “paraíso” original, em que a sobre-

(5). — *Ibid.*, p. 2.

(6). — *Ibid.*, p. 3.

vivência do africano se faz sob a maldição do suor nas minas de diamantes ou nos trabalhos da administração — um trabalho desolado enfim —, ligam-se à figuração *das raízes vivas* que se nutrem do espírito da *Terra*. Na obra de Soromenho vai brotar, pois, a crença num milagre de “Fênix”

Mas, no seu romance serão dados, também, os índices de que nesse pulsar de raízes só poderão germinar ramificações, no novo universo em que, pelo adventício, o anterior se transformou. No processo de renascimento, algo jaz irremediavelmente morto, da inocência primitiva.

“Os negros, crianças grandes que são “para os brancos administradores, ao saíem da “escola” das palmatoadas, como de “um grande remédio”, onde vissem “castigo paternal, a autoridade do chefe”. serão iniciados no campo das experiências sociais do mundo “civilizado” (7)

Em passagem significativa de *A Chaga*, os indígenas são convocados pelo administrador de Camaxilo, para participarem de homenagem ao Governador Geral, por ocasião de visita deste à Circunscrição — que, aliás, não se realiza — e onde se vê como lhes caberá na festividade um papel que revela, também, o interesse meramente folclórico do chefe branco, pelos negros. Comenta-se entre os funcionários administrativos o êxito dos treinamentos a que são submetidos para a cerimônia: —

“Bem. A malta está ensaiada. Quando se trata de guerras, mesmo a fingir essa negralhada até parece que ganha alma nova. Aquilo está-lhe no sangue. Então os quiocos, caramba! até os olhos chispam como brasas! chispam, pá!” (8)

— *Se eles pudessem, comiam-nos! Mas agora têm de se contentar com guerras de homenagem aos governadores.* ” (9)

Entre o desempenho de seus ritos guerreiros, que ficou no passado, e a representação deles no ato “dramático” presente — e é curioso notar-se em outras passagens como toma noção disso —, o indígena percorreu uma distância no espaço que medeia “pensée sauvage” e utensilagem mental da “civilização”. As funções rituais africanas, desprendidas da sua existência histórica, são reabsorvidas como prática cultural em que ele próprio se reproduz, imita-se. Algo

(7). — Cf. *Op. Cit.*, pp. 24-25.

(8). — *Op. Cit.*, p. 61.

(9). — *Op. Cit.*, p. 61.

da essência de sua fisionomia primeva passa, pois, aqui, ao seu conhecimento como tal e, a partir desse instante, a inocência do desempenhar o ritual perde-se na consciência do seu representar.

O saldo dramático da viagem pela obra de Castro Soromenho será, portanto, o do que se mostra irreversível em toda marcha da experiência de um povo: A *Terra* terá as raízes vivas a lançarem seus primeiros impulsos de explodir por rebentos, mas dos ramos primitivos restarão cinzas de uma ingenuidade perdida: “Requiescat in pace”

As raízes vivas da alma negra só poderiam lançar troncos para sociedades “modernas” e o homem de Angola sentar-se à mesa dos “civilizados”, para reerguer, no festim das raças, em eco com Soromenho, a voz de lamento pelas discriminações sociais que o abalarão no vendaval que à *Terra* assolou: “Dies irae”